



Recebido em 05/09/2021

Aceito em 13/10/2021

DOI: 10.26512/emtempos.v1i39.39613

ENTREVISTA

Migrações históricas, história oral e trajetórias de vida: uma conversa com o Professor Luis Fernando Beneduzi

Historical migrations, oral history and life trajectories:
a conversation with Professor Luis Fernando Beneduzi

Nathália Pereira Cabral

Doutoranda em História do Tempo Presente na UDESC

orcid.org/0000-0001-9530-8339

nana_p_c@hotmail.com

RESUMO: Nesta “conversa” realizada com o professor Dr. Luis Fernando Beneduzi, iremos discutir algumas questões referentes as migrações internacionais, especialmente a trajetória de brasileiros e brasileiras na Itália. Utilizamos o termo “conversa” pois, em consonância com a área da antropologia, o professor advoga ser conveniente utilizar o termo, demonstrando mais proximidade e respeito com aqueles e aquelas que cedem seus relatos e compartilham suas histórias de vida. Beneduzi, é natural do Brasil, Rio Grande do Sul, mas reside e é docente há anos na Itália. Atua, principalmente, nos seguintes eixos temáticos: imigração italiana e movimentos transnacionais, identidade nacional na América Latina, memória, imaginário social, identidade, nostalgia, sensibilidade, História e Literatura. Este trabalho, é resultado de uma atividade avaliativa proposta na disciplina de Teoria e Historiografia (doutorado) do PPGH/UDESC, no ano de 2020, onde os(as) discentes entraram em contato com pesquisadores(as) de referência em sua área de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Luis Fernando Beneduzi. Migrações. História Oral.

ABSTRACT: In this “conversation” held with Professor Dr. Luis Fernando Beneduzi, we will discuss some issues related to international migration, especially the trajectory of Brazilians and Brazilians in Italy. We use the term “conversation” because, in line with the field of anthropology, the teacher advocates that it is convenient to use the term, demonstrating more proximity and respect with those who give their reports and share their life stories. Beneduzi was born in Brazil, Rio Grande do Sul, but lives and teaches for years in Italy. It operates mainly in the following thematic axes: Italian immigration and transnational movements, national identity in Latin America, memory, social imagination, identity, nostalgia, sensitivity, History and Literature. This work is the result of an evaluative activity proposed in the discipline of Theory and Historiography (doctorate) of the PPGH/UDESC, in 2020, where the students came into contact with researchers of reference in their area of research.

KEYWORDS: Luis Fernando Beneduzi. Migrations. Oral History.

Introdução

A entrevista a seguir, é resultado de um diálogo realizado no final do ano de 2020 com o professor Dr. Luis Fernando Beneduzi, tendo como foco, os debates a respeito das migrações contemporâneas, especificamente, a trajetória de brasileiros e brasileiras na Itália, história oral e história do tempo presente. A ideia inicial para a realização da conversa, surgiu a partir de uma atividade avaliativa da disciplina de Teoria e Historiografia do doutorado em História do Tempo Presente da Universidade do Estado de Santa Catarina, turma 2020/2. A disciplina ministrada pelo professor Rogério Rosa Rodrigues, tinha como proposição a realização de entrevistas online com intelectuais que sejam referências para nossas pesquisas de tese.

A respeito do programa ao qual foi desenvolvida esta atividade, a área de concentração é a História do Tempo Presente. Este campo de debate busca pensar as possibilidades acerca das noções de temporalidades e seus possíveis estratos/camadas (KOSELLECK, 2014). De modo, que se perceba a ideia de coexistências temporais, recusando singularidades que se apresentem de maneira soberana e prepotente, como exemplo, a supervalorização do tempo ocidental em detrimento de outras experiências.

Embora esta área esteja vinculada a tradição francesa, principalmente nos debates levantados após a segunda guerra mundial e aos vários traumas e “catástrofes” (ROUSSO, 2016) que incidem sobre a constituição do campo, é importante e necessário pensarmos a partir de nossa realidade latino-americana e brasileira. Não fazendo a recusa a esses autores(as) franceses(as), mas trazendo-os para a discussão com nossos projetos de forma crítica, a partir de nossos conceitos e problemas/questões norteadoras. São várias as possibilidades para se pensar o campo, entre elas, destaco algumas categorias que também são pertinentes a minha pesquisa de doutorado: memória, trajetórias de vidas, identidade, migrações, testemunhos e história oral.

A respeito do entrevistado, professor Dr. Luis Fernando Beneduzi, ele possui Graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995), Mestrado em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999), Doutorado Sanduíche pela Università degli Studi di Bologna (2002), Doutorado em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004) e Pós-Doutorado em História junto ao "Grupo Mujeres", Università degli Studi di Torino (2005). Atualmente é Professor Titular de História e Instituições da América Latina junto à Università Ca' Foscari Venezia, foi Visiting Professor nas seguintes instituições: Universidad de la República, Universidad de Montevideo, The Johns Hopkins University, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade do Estado de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Maria e Universidad de Barcelona. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Império e República, e na área de Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: imigração italiana e movimentos transnacionais (especialmente de brasileiros na Europa), identidade nacional na América Latina, memória, imaginário social, identidade, nostalgia, sensibilidade, História e Literatura (particularmente com relação às questões migratórias e de identidade nacional).

Notas técnicas

O primeiro contato foi realizado, através de email, no dia 28 de setembro de 2020. Neste momento fiz o convite oficial ao professor, que aceitou prontamente no mesmo dia. A entrevista, foi realizada no dia 07 de outubro de 2020, por meio do Teams, plataforma online, devido as condições sanitárias atuais (COVID-19). A conversa em audiovisual, que foi gravada, teve duração de aproximadamente 1 hora e 20 minutos. A transcrição foi feita e encaminhada ao entrevistado, o qual teve total liberdade para fazer as intervenções que julgou necessário, sendo assim, a entrevista foi construída através do diálogo no momento em que ocorreu e, posteriormente, em sua transcrição. Por se tratar de uma entrevista acadêmica com objetivo de divulgar a obra de um intelectual da área, iremos manter o seu nome.

Entrevista

Pesquisadora:

Professor Luis Fernando Beneduzi, em minhas pesquisas e leituras realizadas, é possível perceber que há por parte dos(as) migrantes, especialmente aqueles que vivem em situação de migrações pendulares, a noção de um “espaço congelado no tempo”, principalmente quando retornam as suas cidades de origem após um longo tempo de partida. Gostaria que você comentasse a respeito dessa questão, pois há um “cruzamento” de temporalidades inscritas nas trajetórias desses sujeitos em mobilidade. Migrar realmente altera a noção de percepção temporal?

Beneduzi:

Com relação à questão que tu me colocas, na verdade eu trabalhei muito mais com a migração chamada “histórica”, mas acredito que possa tranquilamente ser transferida para analisar também as migrações contemporâneas. Queria partir de um texto que eu acho muito interessante, um texto literário, mas que também é um diário de viagem, ele é um misto entre texto literário e uma espécie de etnografia não feita dentro dos cânones etnográficos.

A obra é do autor Edmundo de Amicis, um militar, político italiano e escritor que ficou famoso por seu texto intitulado: *Sull’oceano* (1889). O autor realizou uma viagem do porto de Gênova até Buenos Aires e, ao mesmo tempo, construiu, a partir do seu próprio relato de viagem, um romance. É muito interessante, porque ele coloca as falas de vários personagens que estão dentro desse romance e que são na verdade sujeitos que fizeram essa viagem junto com ele, palavras as quais são muito interessantes para entender o processo migratório.

Um dos personagens é um italiano que vive em Buenos Aires, mas que voltou para a Itália. Ele enriqueceu em Buenos Aires, então estava fazendo essa viagem não como um migrante, não na terceira classe do navio, mas fazendo a viagem como um turista. Em um momento da obra, Amicis analisa o comentário do personagem a respeito do Duomo de Milão, porque o “turista” observa que o local é muito menor do que ele imaginava.

Provavelmente quando esse “turista” deixou a Itália, na sua infância ou adolescência, pode ter passado pelo Duomo de Milão, ou até mesmo pessoas podem ter descrito para ele. Estar na frente do Duomo, depois de 30, 40, 50 anos gera uma imagem diferente, porque a construção da própria memória vai colocando estratos diferentes, a partir da vivência de cada sujeito, a partir das experiências que esses sujeitos vão tendo e isso vai de alguma forma reconstruindo, inclusive aquilo que é o nosso passado.

No momento o qual a gente abandona um determinado lugar, ou a gente deixa um determinado lugar, não é que ele permanece cristalizado, pelo contrário, ele vai sendo transformado. O modo como eu recordo vai entrando em sintonia com o meu presente, progressivamente isso vai sendo alterado e o meu passado vai se reelaborando a cada dia.

Como eu trabalhei, por exemplo, ainda na minha tese de doutorado, há uns 15 anos, com o romance de Marcel Proust: *Em busca do tempo perdido* (1913). Proust foi construindo, a partir da narrativa, esses diferentes “eus”. “Eus” que se constroem e que se reelaboram no tempo, portanto não permanecem nunca os mesmos, como se em cada momento da vida eu fosse um outro “eu”. Quando eu vou pensar no passado, eu penso em um meu “eu”, na verdade, que era aquele sujeito do passado e isso é pensando a partir do presente, ou seja, são as minhas experiências no presente que serão os elementos que vão me conduzir para que eu possa enxergar aquele meu passado.

Então, não acredito que um imigrante tenha um passado que fica cristalizado, que fica parado no tempo, mas no momento em que ele parte, começa uma espécie de defasagem com relação aquilo que era a experiência dele na terra que ele deixou. E essa experiência que não é mais uma experiência física, embora seja concreta, porque eu acredito que a memória seja concreta e na verdade, nos move muito mais em determinados momentos do que a própria experiência física. Portanto, a concretude da sua vida acaba sendo reelaborada em cada momento. Quando ele volta, não é que ele espera encontrar aquilo que deixou, mas ele espera encontrar aquilo que ele imagina ter deixado pois, com o passar do tempo, essas memórias foram se transformando.

Uma outra relação interessante que podemos observar no tempo presente é um trabalho que eu acabei desenvolvendo, embora ainda não tenha sido publicado, de entrevistar o mesmo imigrante em momentos diferentes da trajetória ou da vida dessa pessoa. Isso, acaba produzindo narrativas diferentes sobre a própria experiência, um exemplo concreto: eu entrevistei um rapaz na universidade de Trento em 2010, naquele momento ele estava terminando seu curso e não tinha uma perspectiva de continuar ali, estava para voltar para o Brasil. O discurso desse sujeito é que ele era um ítalo-trentino, então seu objeto era chegar em Trento e voltar para o Brasil, como se fosse uma espécie de destino, ou seja, de vir a esse local, buscar aquilo que era de melhor para depois levar para a sua terra de nascimento onde poderia aplicar, sendo essa relação uma espécie de experiência no exterior na terra de origem dos antepassados.

Falando com ele cinco anos depois, quando ele tinha ido ao Brasil, retornado para a Itália, concluído o mestrado em Bolonha e começado a trabalhar, essa leitura tinha mudado completamente. Ou seja, não era mais parte do destino retornar para o Brasil, até porque a experiência no Brasil, de retorno, de tentativa de recomeçar a vida, tinha

sido frustrante. Então, há uma releitura da experiência desse sujeito, onde tudo fazia parte de um outro mecanismo, aquele que o faria permanecer na Itália.

Há uma construção de uma narrativa diferenciada a partir do tempo presente, ademais, um outro elemento importante tem a ver com a experiência de pertencimento étnico, ou de pertencimento identitário, e com a descoberta por parte dele da sua “trentinidade”. Ele havia crescido sem nenhum tipo de contato específico com Trento, nem com o dialeto ou com a cultura trentina no interior do Espírito Santo. Em um determinado momento, por causa de parentes que viviam na Itália e devido a ideia de migrar, ele veio em busca da cidadania.

Ou seja, como eu posso fazer para reconhecer uma cidadania no momento em que sei que tenho uma descendência italiana? Nesse processo, ele foi fazendo uma releitura do seu próprio pertencimento étnico e relendo a sua identidade. Nos processos imigratórios, isso é um elemento constante, onde sujeitos vão relendo os seus sentimentos de pertencimento e, no reler, vão recontando o próprio passado.

Se eu for pensar, por exemplo, no caso da imigração italiana no Rio Grande do Sul, as comemorações dos 50 anos da imigração em 1925 e todas as comemorações nos anos 20 e 30 e como essa memória da imigração vai sendo construída, nós temos dois pilares: (1) o sofrimento e a desgraça e (2) a vitória. Esses dois pilares acabam se influenciando, pois quanto mais desgraçada foi a experiência anterior, melhor, ou mais significativa vai ser a vitória, porque o meu esforço, a minha capacidade de superar os obstáculos são evidenciadas. E isso se torna fundamental nos anos 20 e nos anos 30, porque no Rio Grande do Sul, na região da serra gaúcha, começa a se constituir uma elite colonial, ou seja, primeira ou segunda geração desses imigrantes do final do século XIX, que acabaram acumulando capital, desenvolvendo empresas, enriquecendo e se tornando uma elite econômica.

A zona da serra gaúcha, de uma região periférica do Rio Grande do Sul, passa a se encaminhar para ser uma zona central economicamente. A política do partido Republicano riograndense investe nessa região, também temos nesse período um crescimento econômico da Itália e um crescimento político do fascismo. Tudo isso acabou fazendo com que essas comemorações ganhassem força, como exemplo, nasce a festa da uva nos anos de 1930 e essas festas se tornam momentos de comemoração de um presente que tem como objetivo criar uma memória do processo imigratório para reforçar essa ideia de rememoração. A mesma coisa nós vamos observar nos anos de 1970, momento de comemoração do centenário da imigração italiana e centenário da imigração alemã.

Neste contexto, há uma nova construção e reelaboração da própria memória, fenômeno que nós podemos observar depois em algumas zonas de Santa Catarina, a partir dos anos 1990 e início do século XXI. Ou seja, a positividade de pertencer a este grupo étnico italiano também é uma reconstrução da memória da imigração.

Ademais, acredito que o imigrante, no momento em que volta, sem dúvidas não vai encontrar o lugar que deixou porque o lugar se transformou. Quando eu volto a Porto Alegre, pois também acabei deixando meu lugar de nascimento, percebo coisas novas e se eu deixasse de voltar para Porto Alegre por três, quatro, cinco, seis anos, certamente

não encontraria mais aquela cidade que eu imaginava. Uma outra questão, além da transformação física que as cidades vivem, é a transformação afetiva que envolve a memória, ou seja, cada vez que eu volto para Porto Alegre ou cada vez que um migrante retorna pro seu lugar, ele retorna para os lugares dos afetos, aonde ele tem ou ele tinha relações com a família, relações com os amigos e tudo isso foi se transformando, a imagem dessa cidade e a imagem desses lugares também sofrem um processo de transformação.

Nós temos afetos, transformações físicas, a memória: elementos que fazem com que esse lugar que foi deixado não seja o mesmo no momento em que eu retorno e não porque ele ficou cristalizado, pelo contrário, porque ele acabou sofrendo um processo de transformação contínua na minha mente e mesmo que não tivesse acontecido nenhuma transformação física na cidade, com certeza o meu retorno não faria com que eu retornasse àquele lugar que eu imaginava ter deixado, porque com o passar do tempo aquele mesmo lugar foi se transformando na minha memória e foi se constituindo em um outro lugar.

Pesquisadora:

Uma importante categoria que nos é apresentada é o conceito de “Nostalgia”. Em entrevista publicada em 2011, você menciona que foi influenciado pelas orientações do professor Giovanni Levi, quando obteve uma bolsa na Universidade de Veneza (1998). Você poderia comentar um pouco a respeito dessa categoria (nostalgia) e de que como ela vem persuadindo em suas pesquisas? Além disso, em parceria com Carlos Ginzburg, Giovanni Levi tem uma importante trajetória dentro da Micro-história. Essa abordagem historiográfica influenciou de alguma forma em seus estudos?

Beneduzi:

Sem dúvidas, Giovanni Levi influenciou em várias questões da minha vida profissional, seja em termos de pesquisa, seja em termos didáticos. Eu não me lembro exatamente o contexto da entrevista e qual era a relação específica, se é a que estou pensando já se passaram uns sete, ou oito anos de quando eu conversei com uma colega do Espírito Santo. Bom, com relação a categoria, para mim a questão da nostalgia e, sobretudo, quando eu falo das migrações históricas, foi um elemento central para eu tentar compreender o porquê da manutenção dessas relações de sociabilidade, desses modos de fazer, ou seja, as edificações, a manutenção dos cantos, dialetos e todos esses códigos culturais dos imigrantes que foram sendo elaborados.

A questão da nostalgia aparece com força em dois momentos da minha trajetória de pesquisa: na narrativa do Frei Capuchinho Bruno de Gillonnay, que foi um dos fundadores das missões dos capuchinhos na serra gaúcha. No livro que ele escreveu sobre as memórias da missão, ele comentava que os imigrantes ao verem os freis que eram franceses, portanto, da província de Savoia, e não italianos, eram transportados a terra que haviam deixado, por verem eles caminhando pelas montanhas com o habito de burel.

Nessa narrativa do frei, eu percebi como a nostalgia, esse sentimento de perda de um passado, de um conjunto de experiências, de algo que ficou para trás, pode ser pacificada ou apaziguada através da memória. Ou, de alguma forma, não se transformar

em uma doença, porque um outro fenômeno importante na zona de migração e que tem poucos estudos sobre isso, sobretudo sobre mulheres, foi o que era chamado na época de “tristeza profunda”, o que na verdade hoje, talvez, poderíamos chamar hoje de depressão. Vários foram os casos relatados, seria um estudo muito interessante que eu pensei várias vezes, mas nunca comecei. O foco seria trabalhar justamente isso: analisar porque várias mulheres imigrantes foram internadas na Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre com sintomas de tristeza profunda.

Há uma impossibilidade, diante dessa espécie de depressão, de pacificar essa perda, pois são sujeitos que deixaram o lugar onde viviam, comunidades que mesmo sendo pequenas tinham um trânsito, as distâncias eram outras com relação à serra gaúcha e essas mulheres deixaram uma vida comunitária para se embrenhar de uma certa maneira no “meio do mato”, com distâncias muito maiores. Sobretudo, no primeiro momento, era muito difícil “reconstruir” essas relações cotidianas de sociabilidades e solidariedade.

Os homens acabavam se envolvendo muito mais com o mundo exterior, principalmente pelo mundo do trabalho. Muitos, nos primeiros anos, trabalhavam na construção da ferrovia, em serviços públicos para acumular dinheiro – tanto para pagar as terras quanto para a sobrevivência, até que houvessem as primeiras colheitas. As mulheres acabavam ficando no espaço doméstico, cuidando dos filhos(as) e com nenhuma, ou pouquíssimas relações fora do núcleo familiar. Isso gerou uma mudança de vida muito grande, porque mesmo nas comunidades rurais da Itália a mulher acabava vivendo para além do mundo doméstico. Havia trocas cotidianas na igreja, na venda, nos diversos lugares e isso acabou se perdendo. Não havia um modo de substituir ou de pacificar essa falta, portanto acabou gerando em alguns casos a doença.

Eu pensei também sobre a manutenção desses hábitos: a língua falada e a forma como se organizava a geografia do espaço. O lugar que eu fisicamente conheço melhor na imigração é a serra gaúcha, portanto não saberia utilizar o mesmo exemplo para outros locais, mas pode ser que seja da mesma forma em Santa Catarina, ou em outros espaços. A domesticação da floresta acontecia com os capitéis, que era a construção dos oratórios nas encruzilhadas e que também era comum na região do Vêneto, local da Itália de onde 80% dos imigrantes da serra gaúcha provinham.

As estruturas das primeiras igrejas, arquitetonicamente, recordavam muitas daquelas da Itália, os santos padroeiros que foram escolhidos eram os da terra de partida. Inclusive, em algumas igrejas, se colocavam dois, ou até três padroeiros, porque haviam comunidades que provinham de lugares diferentes da Itália e não se reconheciam em um ou outro santo.

Experiências de sociabilidade como o “filó” que era o hábito de as famílias se encontrarem também foi reproduzido, embora na Itália por conta do frio e de um inverno mais longo, eles aconteciam, geralmente, nas estrebarias junto aos animais, pois os animais permitiam um aquecimento natural do espaço. Não que houvessem poucas árvores, mas havia pouca madeira, já que o custo era elevado para comprar esses materiais, pois as florestas eram controladas pelo Estado, assim era muito mais difícil ter um aquecimento que não fosse aquele que provinha dos animais.

Chegando na serra gaúcha, eles não têm mais esse problema, pois eles têm quantas árvores forem necessárias. Da estrebaria a sociabilidade vai para dentro de casa: na cozinha, em lugares aquecidos e se torna não mais uma relação do cotidiano, mas do sábado, de um momento de festa, mas que de alguma forma é uma transposição que permite reconstruir essa memória. Como por exemplo, a questão dos flocos de neve: em uma entrevista de um imigrante para um jornal de Caxias, ele contou que ao ver a neve caindo, se sentiu transportado a sua cidade de nascimento que costuma ter invernos com mais de um metro de neve. Em Caxias nunca houve uma nevasca, mas esses alguns flocos foram suficientes para ativar sua memória, esses são os famosos fragmentos do passado, que permitem que eu possa ativar determinadas memórias.

Retomando Proust, pode ser a famosa “madelaine” esse fragmento que acaba ativando sua memória e que ele coloca no livro em *Busca do tempo perdido*. Ou, por exemplo, o caso de Primo Levi, que é um sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, e que dedicou a sua vida cruzando duas coisas: o fato de ele ser um químico e um sobrevivente. Levi sobreviveu porque era um químico e seu conhecimento foi utilizado em diversas atividades. Após as experiências vivenciadas, ele acabou escrevendo um livro *Se este é um homem*, onde abordou a relação entre memória e química. Em uma outra obra – coleção de contos – ele falou dos *mnemagoghi*, outro elemento de evocação da própria memória.

Diferentemente de Proust, onde essa memória é involuntária, pois ele come a madelaine e, naquele momento, há uma espécie de epifania da sua experiência passada, no caso do Primo Levi e dos *mnemagoghi*, foi pela sua necessidade de memória, porque todo sobrevivente adquire ou tem consigo essa necessidade de recordar, então, na verdade, ele constrói combinações químicas, odores que permitem no momento em que ele abre aquele frasco, fazer com que recupere uma lembrança do passado, por isso não é involuntário... e não vou contar toda a história, porque tomaria muito tempo, mas ele tem esse armário e nesse armário tem uma infinidade de recipientes fechados, cada um deles com um cheiro e cada um desses cheiros recordava um evento do passado.

Mostrando para esse novo médico que estava chegando, não o Primo Levi, mas o personagem do conto, ele questiona: “qual é o cheiro que tu notas aqui?” E ele diz: “bom, esse cheiro recorda o meu terceiro ano na escola primaria e mais do que com uma fotografia, com esse cheiro eu me recordo da tensão, das provas, dos amigos, etc”. Ali, há a ideia de uma memória não involuntária, onde ele pode de alguma forma, através dessa experiência olfativa, reconstruir o passado.

De certa maneira, a manutenção das relações de sociabilidade, do estilo arquitetônico, da religiosidade e do dialeto, pode funcionar como uma espécie de memória voluntária. Ou seja, eu mantenho essas coisas, eu recrio de alguma forma a minha terra de partida nesse novo espaço e com isso eu tento pacificar essa nostalgia, pois eu perdi aquele lugar e há uma sensação de perda efetiva.

Há um diário de um imigrante Vêneto chamado Luigi Toniazzo, que vai pra cidade de Garibaldi no Rio Grande do Sul e no seu diário conta a sua partida. Independentemente do dia que foi a partida, é emblemático que ele coloca ter ocorrido em uma sexta-feira santa, ademais, ele se coloca como um cordeiro que vai ao matadouro, evidenciando a ideia do sacrifício vivido nesse processo. Ele fala, por

exemplo, das várias vezes que esqueceu seu casaco e voltou para buscar, contou toda a sua trajetória, a dificuldade para sair da sua cidade e de saudar as pessoas. Assim, mesmo não tendo saído ainda, Luigi demonstra o sentimento de perda e de nostalgia. Quando ele chega em Garibaldi, constrói uma casa que é uma espécie de reprodução, mesmo que mnemônica, daquela que era a sua casa na terra de partida.

Os estudos do Giovanni Levi em relação a micro-história foram muito importantes, em uma conversa que tivemos, não recorro há quanto tempo, ele comentou sobre a questão do ensino da história: “nós falamos sempre o quanto é importante o presente para que nós possamos ler o passado e como ele interfere, então, por que não começa uma disciplina do presente e depois tu volta para o passado?” Isso foi algo necessário para mim naquele momento e os estudos da micro-história foram muito relevantes, porque no meu trabalho, seja nas histórias de vida, ou na forma como eu construo as entrevistas, os sujeitos acabam sendo “exemplares” para se pensar a experiência de um determinado tempo histórico, de um determinado conjunto de relações.

A micro-história foi muito importante nos estudos de alguns sujeitos da minha pesquisa, como a trajetória de Luigi Toniazzo e também a trajetória de um médico Julio Motti que foi fundamental na construção de Garibaldi. Esses sujeitos deram um significado diferente para os conflitos que foram se estabelecendo no interno da comunidade.

Em uma outra pesquisa, Levi também foi essencial, eu abordei duas questões: como a comunidade trabalhava com as cartas de uma professora primária, ex-freira, no interior da serra gaúcha da segunda metade do século XIX. A partir dessas cartas, analisei como se percebia a questão da religiosidade naquele meio e, sobretudo, a figura do sacerdote. Nos anos de 1914 e 1915, havia um sacerdote italiano nessa comunidade, Emílio D'Amore, que chegou no Brasil no final do século XIX e acabou se ordenando com os palotinos. Ele foi expulso e se transformou em sacerdote diocesano, depois foi para Santana do Livramento e de lá partiu para Rio do Ouro... transitou por vários outros lugares e foi expulso de todas as comunidades nas quais esteve. Observando a trajetória dele percebeu-se que o problema era o mesmo: um sacerdote que tinha problemas de pedofilia, mantinha relações com menores e também com mulheres casadas. Obviamente, lendo isso hoje, fica claro que quando tu tens dez comunidades com o mesmo caso, não é um problema da comunidade, é um problema do padre.

Luiza foi a professora que articulou toda uma ação de pressão da comunidade com o arcebispado para que esse padre fosse destituído. As cartas dela são muito interessantes, porque de uma certa forma utilizou o discurso religioso, mesmo tendo deixado o convento e sendo ex-freira, mas permaneceu solteira e sendo professora primária. De modo geral, ela ainda estava vinculada a igreja, seu irmão era o que hoje seria o presidente do conselho paroquial, portanto ainda tinha uma interação forte. Foi ela que escreveu todas as cartas, tanto aquelas que ela mesmo assinava, quanto aquelas que são abaixo-assinadas da comunidade, pois ela era uma das poucas pessoas letradas e que tinha conhecimento, tanto do italiano quanto do dialeto Vêneto e do português.

Uma outra coisa interessante é que ela escreveu as cartas nas três línguas, através dessas cartas pode se perceber como foi se construindo a religiosidade popular

e a própria figura do sacerdote em uma comunidade de imigração italiana. Isso também é um elemento influenciado pelos estudos e convívio com o Giovanni Levi, convivência que foi mais próxima em 1998, portanto há 22 anos.

Pesquisadora:

São muitas as demandas do historiador e historiadora do tempo presente que lidam com as “fontes vivas”. Quais desafios você já enfrentou ao trabalhar com história oral e trajetórias de vidas?

Beneduzi:

Eu acho que são vários desafios e eu vou destacar pelo menos três que são muito importantes. O primeiro é o desafio para o historiador que trabalha com história oral, porque como todo o trabalho de história oral é uma relação entre duas pessoas, entre dois sujeitos que constroem um documento, no momento em que eu faço a transcrição, eu envio esse documento para que seja aprovado pela pessoa que colaborou na sua produção, para aquele que foi entrevistado e que interagiu comigo numa dinâmica.

Eu não gosto muito da ideia de entrevista, eu trabalho muito com a ideia de bate papo, como um espaço de construção, porque me parece mais informal. A minha busca nas entrevistas é tentar eliminar todas as barreiras que possam existir, até mesmo com a ideia de usar o menor gravador possível, para que em determinado momento pareça que não existe mais o gravador e se possa alcançar uma certa “intimidade” entre as duas pessoas que estão interagindo. A pessoa está ali contando a sua vida, suas experiências, sendo assim, é óbvio que eu tenho que ter uma determinada intimidade para que ela consiga contar determinadas coisas.

Em algum momento essas transcrições retornam e uma das dificuldades é quando os entrevistados alteram aquilo que disseram, não no sentido de corrigir a construção frasal, porque entre a narrativa oral e a narrativa escrita há uma transformação no modo de construção. Pode haver um entrevistado mais preocupado com a maneira como a sua fala foi transcrita e querer fazer uma correção formal, outros entrevistados dizem: “bom, eu vi que tem erros, mas eu disse assim e pronto”. Porém, tem entrevistados que acabam alterando o texto, porque as vezes aquilo que haviam dito em um momento de intimidade saiu por acaso, mas eles não querem que aquilo seja publicado. As vezes aparece na própria entrevista, já aconteceu comigo, o entrevistado disse: “agora você desliga o gravador que eu vou te contar isso”, então é algo que tu vais saber, mas não vais poder contar porque é uma informação que só é compartilhada contigo e não com o gravador.

Esse é um desafio, porque no retorno da entrevista ela pode ser alterada. A outra questão ao se trabalhar com fontes vivas é a preocupação com a própria fonte, ou seja, com o sujeito que te deu a entrevista. No âmbito da imigração, normalmente eu trabalho com entrevistas de pessoas que estão regulares aqui na Itália, aquelas que tem a documentação para permanecer no país, que tem uma atividade de trabalho regular, ou que são estudantes. Então, eu não tenho uma problemática maior, como quem entrevista imigrantes indocumentados e que estão irregulares no país, ou quem entrevista pessoas que estão envolvidas na prostituição e em determinados setores de trabalhos que não

são considerados legais na Itália, então isso acaba envolvendo uma situação mais complexa.

Mesmo não tendo essas situações complexas, é uma preocupação importante, porque a pessoa está contando fatos da sua vida e da sua experiência. Eu entrevistei um rapaz que me contou de uma situação de exploração no trabalho e de ele ter que fugir desse patrão, porque tinha medo que fosse morto, então, acaba envolvendo uma situação mais delicada.

Independentemente, o cuidado que eu imagino relevante é aquele do anonimato, que na verdade vai colidir um pouco com a história oral, esse cuidado eu acabei aprendendo e desenvolvendo muito mais no contato com as colegas antropólogas, sobretudo com a Gláucia de Oliveira Assis e a Maria Catarina Chitolina Zanini. Porque na história oral, há essa ideia de “dar voz” a esses sujeitos no passado, mas dar voz a esses sujeitos no passado significa que eles têm um nome. Portanto, essa característica é muito enfatizada na história oral, essa ideia de colocar nomes e sobrenomes dos sujeitos para que eles sejam reconhecidos.

Eu acredito que isso depende muito do campo, do tema, da abordagem, por exemplo: se eu estou fazendo um trabalho para uma empresa e de repente eu tenho entrevistas onde essas pessoas falam muito mal do patrão, eu não posso colocar o nome delas, porque isso pode significar que daqui um mês, ou quando eu publicar, eles podem ser demitidos, então isso vai gerar um impacto muito negativo na vida dos sujeitos que confiaram e me contaram coisas delicadas das suas experiências. Então acho que depende, ser for uma história oral com a luta sindical, por exemplo, acredito que seja importante justamente para dar voz a sujeitos que não faziam parte da direção do sindicato, mas que foram importantes na luta. Nas questões migratórias eu acho complicado, portanto, isso é um desafio, criar pseudônimos e construir textos que não permitam a identificação, porque mesmo eu colocando um nome fictício, se eu acabo identificando demais aquela pessoa, quem a conhece e lê aquele texto, vai saber de quem eu estou falando.

Nós pensamos muitas vezes que o que escrevemos é lido somente por pessoas da academia, felizmente não, muitas vezes o que escrevemos acaba sendo lido por pessoas que estão envolvidas no processo migratório, até mesmo por interesse pessoal. Temos ideia do que escrevemos e de como escrevemos o texto, mas a vida que ele irá ganhar durante sua existência e recepção dos leitores, como coloca Roger Chartier, nós não temos controle, sendo assim, não sabemos quem irá ler, aonde irá chegar e de que modo será lido e interpretado. Por isso, é um desafio manter essa perspectiva de “dar voz” a determinadas pessoas e de construir uma narrativa sobre as experiências passadas e ao mesmo tempo proteger esses sujeitos.

O pseudônimo e o cuidado no texto para que seja uma identificação que não permita o reconhecimento da pessoa, acredito que seja algo difícil, mas ao mesmo tempo uma questão importante na história oral. E o último desafio dos três, que eu já havia comentado antes, é essa interação entre passado e presente, ou seja, a perspectiva de que eu estou contextualizando, pois eu estou entrevistando hoje esse sujeito, ele está me contando essas coisas, nesse determinado contexto, nesse conjunto de suas experiências de vida, mas esse mesmo sujeito daqui cinco anos, daqui dez anos, pode dar uma outra

entrevista, para outra pessoa, ou para mim mesmo, e dizer coisas completamente diferentes daquelas que eu estou recebendo. Embora seja gravada, é a gravação de uma leitura fugaz da experiência, que na verdade é transitória, pois esse mesmo sujeito pode reelaborar, pode construir tramas diferentes sobre o seu passado em outros momentos.

Pesquisadora:

Ouvindo sua fala muitas indagações que eu tinha em mente a respeito da metodologia da história foram respondidas. Em minha dissertação de mestrado trabalhei com os pseudônimos, pois alguns dos sujeitos eram indocumentados(as) e algumas mulheres relataram situações de violências doméstica, por isso não foram nomeadas com objetivo de resguardar suas identidades e até mesmo suas famílias. Assim, em contrapartida a um dos textos que li esse semestre e a autora advogava dizendo que “nomear é proteger”, penso que em algumas situações, não nomear também é, principalmente no âmbito das migrações.

Beneduzi:

Penso, que isso também possa ser construído na própria relação com a pessoa que está compartilhando contigo a sua vida. Para saber se pra ela é um problema, ou não, que o seu nome apareça, porque isso também pode ser um acordo. Por exemplo, na associação AREIA nós temos o arquivo da Universidade de Gênova, na verdade um áudio arquivo sobre as migrações entre a Europa e a América Latina. Nesse arquivo, existem diferentes formulários que são preenchidos pelo pesquisador e pelo entrevistado, onde são indicados como essas entrevistas podem ser utilizadas: se podem ser utilizados somente pseudônimos, se pode ser utilizado o nome, se tem um período no qual essas entrevistas não podem ser disponibilizadas e tudo isso é um acordo que o pesquisador faz com a pessoa, porque o pesquisador tem que construir uma relação de confiança, então tu usas o nome dela se ela permitir que tu utilizes, essa é a grande questão. Ademais, o pesquisador pode e deve ter um olhar que as vezes esse sujeito não tem, uma visão mais ampla. Por vezes, o teu entrevistado não se dá conta de quais são as dimensões, ou quais são os caminhos que essa entrevista pode seguir, então é importante evidenciar essas questões para que ele possa tomar uma decisão, tendo conhecimento do uso que será feito dessa entrevista.

Aliás, essa é outra questão importante para acordar com o entrevistado: qual uso pode ser feito dessa entrevista? Se eu estou utilizando-a para a minha tese, que ele me dê o consentimento de utilizar para a minha tese, se eu já penso em outras coisas, que ele me dê um consentimento mais amplo e que a pessoa não perca o controle sobre aquilo que é a sua vida. Isso é uma questão de respeito com o sujeito, porque não é como um documento escrito que eu vou, pego, uso e devolvo, é uma vida e é uma vida que de repente sem a gente querer pode ser destruída pelo modo como essas coisas são utilizadas nos trabalhos. As vezes são comentados conflitos familiares, problemas de saúde e de doença na família e não sei o quanto essas pessoas gostariam que isso fosse informado para o mundo inteiro, por isso é importante esse diálogo.

Pesquisadora:

Uma importante questão que venho analisando em minhas pesquisas, são as relações de trabalho estabelecidas na Itália, pensando a realidade dos sujeitos

migrantes. Em muitos relatos e dados coletados, pode-se observar a ação da precarização do trabalho, especialmente para aqueles que migram sem possuir a dupla cidadania. Você poderia comentar um pouco a respeito dessa realidade e das relações entre mundos do trabalho e migrações contemporâneas? Existe alguma rede protetora dos trabalhadores(as) brasileiros(as) na Itália ou esse grupo de migrantes costuma se organizar em prol dos seus direitos trabalhistas?

Beneduzi:

Em minhas pesquisas eu trabalho com o público universitário, então há um grupo específico que eu acabei entrevistando, portanto, não entro nessas questões específicas do mundo do trabalho. Mas, o que eu observo é que há uma perda, ou um não aproveitamento da qualificação profissional desses sujeitos no lugar aonde chegam. Há muitos brasileiros que vem para a Itália com uma formação de nível superior e acabam exercendo funções que são muito menos qualificadas, existe um espaço de trabalho muito recortado: o trabalho doméstico, tanto na limpeza, quanto cuidadoras, sobretudo de idosos... e isso é feito por pessoas que podem ter uma formação em direito, publicidade, ou áreas de estudo que não tem nenhum significado para essas profissões.

Uma coisa que chamou minha atenção e que achei muito interessante, foi uma experiência pessoal e não de pesquisa. Há 18 anos eu conheci um casal de brasileiros, eles eram de Curitiba (PR) e estavam em Verona. Os dois eram de famílias de classe média, ela trabalhava em uma agência de viagens em Curitiba, ele eu não me recordo. Tinham formação universitária, tinham bons apartamentos no Paraná e migraram para a Itália... o trabalho deles era distribuir papéis de propaganda na rua e moravam em um pequeno apartamento compartilhado com outro casal. Houve uma transformação total da vida dessas pessoas dentro do processo migratório e isso, observei em vários casos de brasileiros que tive contato, independentemente da cidadania.

Isso é outra coisa importante para se considerar, inclusive abordo nas pesquisas com a Catarina Zanini e Glaucia Assis: a ideia ou a pseudo ideia da cidadania como uma chave para abrir determinadas portas. A cidadania te coloca formalmente no país, ou seja, tu vais votar, pode ter acesso ao sistema sanitário nacional italiano, enfim, tu tens um reconhecimento jurídico de um pertencimento, porém, ela não te abre de imediato as “portas” no mercado de trabalho. Se a tua competência linguística é reduzida, se tu não tens um bom nível de comunicação, compreensão e escritura, não é a cidadania que vai te garantir um bom emprego. Por isso, a questão linguística é fundamental, inclusive tu podes ter um não ítalo-brasileiro em uma melhor condição de trabalho do que um ítalo-brasileiro, porque aquele que domina mais o idioma consegue ter mais espaço no mercado de trabalho.

Outra coisa importante é o título de estudo, existe um valor legal do título de graduação na Itália. Há um processo que não é muito simples para ter o título reconhecido e, na grande maioria dos casos, é preciso refazer boa parte do curso para poder entrar no mercado de trabalho como um profissional daquele setor. São elementos que acabam dificultando, e a cidadania por si só não te abre essas portas, não é porque tens um passaporte italiano que tu és automaticamente italiano, como nenhuma pessoa chegaria no Brasil com um passaporte brasileiro e se tornaria automaticamente brasileiro.

Ou seja, eu tenho algo que é reconhecido juridicamente, mas, na comunidade onde eu vivo, eu vou ter diferenças com relação àquelas pessoas, mesmo que eu tenha ido – e talvez seja até pior – pra comunidade específica da onde partiram os meus ancestrais, porque tu não vais ser igual em nenhum momento. Aliás, é muito interessante essa relação, um ítalo-brasileiro que eu entrevistei mencionou que em algum momento vai ter “aquela” palavra, um modo de se comportar, ou uma coisa e outra que vão te trair e eles irão perceber que tu não és italiano.

Esse migrante ítalo-brasileiro viveu uma dupla situação: quando ele chegou foi conviver com pessoas que tinham o mesmo sobrenome, então em teoria, poderiam ter um mesmo nível de parentesco de quatro, ou cinco gerações atrás. Ele foi muito bem recebido, muito bem tratado, essas pessoas o ajudaram a conseguir o primeiro emprego, porém, teve um momento que ele viveu um atrito com o empregador. Essa mesma família que o recebeu, se colocou do lado do empregador, porque a partir daquele momento não era o sobrenome o elemento central, mas sim, as relações de proximidade dentro da própria comunidade. De pessoa próxima, ele se tornou o mais distante. Visto isso, não é apenas o nome e a cidadania, pois em um determinado momento uma palavra ou um deslize pode te trair, no sentido de que as pessoas perceberiam que tu não és um nativo.

No mercado de trabalho, acredito que tenha pouca diferença, aliás, as vezes pode ser um problema, sobretudo, no mercado informal. Muitas vezes eles preferem colocar no mercado informal um imigrante sem documentação, porque é mais fácil de manter esse tipo de exploração, enquanto um sujeito que tenha a dupla cidadania e juridicamente tenha todos os direitos, pode ser um complicador no processo de trabalho irregular. Deste modo, nem sempre a cidadania abre portas no mundo do trabalho, abriria no mundo do trabalho regular, quando a pessoa tem o que seria no Brasil a carteira assinada, um contrato efetivo de trabalho. Em situações de informalidade isso pode ser um problema, porque a pessoa que está irregular dificilmente vai processar o empregador.

Pesquisadora:

Como a pandemia vem afetando as noções de fronteiras? E quais suas impressões a respeito da pandemia no cenário migratório entre Brasil e Itália?

Beneduzi:

Com relação a primeira questão... tem afetado bastante. Pensando na Itália, mas também na Europa. Nós, na Itália, temos, desde o ano passado, o decreto segurança, fazendo uma tradução para o português. Esse decreto é do período no qual o governo fez uma associação com o partido de extrema direita, houve um endurecimento muito grande em relação à imigração, como o bloqueio de barcos. Neste período, houve um processo de criminalização dos italianos que salvavam outras pessoas no mar, eles poderiam ser multados e ter seus barcos apreendidos, mesmo que auxiliassem alguém se afogando. Mas, muitos pescadores anunciaram que continuariam salvando vidas, porque essa é uma lei do mar.

Um dos principais efeitos da pandemia é criar, sobretudo, aquilo que é famoso como fake News, a ideia de que esses imigrantes trazem o Covid-19. É óbvio que existe

a necessidade que quando essas pessoas cheguem façam a quarentena, os testes para diferentes tipos de doenças, inclusive alguns fazem quarentena dentro dos navios. Obviamente, isso diante de uma perspectiva diferente, não daquela do controle e impedimento, mas a partir de uma perspectiva de verificar os problemas que eventualmente podem ter esses migrantes que são na maioria das vezes africanos, mas também há uma parcela do oriente médio. Antes de eles entrarem também há uma rede de serviços e de acolhida, existindo um processo de triagem para identificar se estão solicitando asilo, ou se são imigrantes econômicos, há procedimentos que precisam ser seguidos.

O que a pandemia intensificou, foi o discurso da extrema direita de ter essa bandeira de defender a Itália, porque esses imigrantes trariam, entre outras coisas, o COVID-19, portanto, seriam fatores de risco para a população italiana. Isso foi muito utilizado entre junho, julho e agosto desse ano, quando o efeito do confinamento era importante e os casos na Itália eram mais baixos e tinham se reduzido a 300 ou 400 por dia. Esse discurso perdeu força, porque os casos aumentaram na Itália, principalmente depois das férias de agosto e com o retorno das aulas, agora estamos na casa dos 2600 casos diários... não ainda como a França, que já passou dos 13.000, mas é um valor que tem aumentado.

O que a pandemia criou foi um maior cuidado com a chegada, embora com uma política de acolhida muito diferente daquela do ano passado. Também lidamos com uma narrativa da extrema direita que é transversal no tempo, essa ideia de que o imigrante traz coisas negativas e produz coisas negativas. Então, é a violência, entendida como homicídios e quando o país tem problemas que envolvem, por exemplo, a questão do estupro, é generalizada ao imigrante. Teve um momento que surgiram vários casos de tuberculose, porém a doença tinha sido erradicada no país, logo, foi associada aos imigrantes. Com o problema da pandemia, a doença (covid-19) é o elemento central associados a eles.

Com relação a imigração do Brasil para a Itália, a questão principal é que foi proibida a entrada de brasileiros(as). Aliás, foi proibida a entrada de pessoas provenientes do Brasil, tanto italianos – descendentes ou não – quanto brasileiros. A única abertura é para pessoas com residência fixa no país, se eu estivesse no Brasil quando esse decreto foi aprovado, eu teria o direito de retornar, porque eu sou residente na província de Florença, portanto, tenho direito de voltar para a minha casa.

Isso foi muito discutido não só com relação ao Brasil, porque muitos italianos que estavam no exterior colocaram em discussão essa questão, porque quando explodiu o problema da pandemia na América Latina, vários italianos que viviam no Chile, na Argentina e no Brasil há muitos anos, queriam vir para a Itália, porque se sentiam desprotegidos e não confiavam nos sistemas sanitários daqueles países, tinham medo do que seria o decurso da pandemia no país no qual viviam. Ficaram muito indignados com o governo italiano, porque, na verdade, os voos fretados pelo governo, eram somente para cidadãos italianos – ou não – que estavam nesses países, mas que tinham a residência na Itália.

Diferentemente do Brasil, a Itália tem um procedimento que quando tu estás em uma determinada casa, tu pedes a residência, onde um guarda municipal vê a tua casa,

controla o que tem, se há número suficiente de camas para as pessoas que moram, se há um determinado número de metros quadrados compatíveis com o número de pessoas, se tem banheiro, cozinha, enfim, o mínimo para ser uma residência e aí o guarda declara se a pessoa pode ou não residir. Isso vai fazer parte da tua carteira de identidade, ou seja, no teu documento, além dos teus dados, vai constar teu endereço e isso é uma prova do teu domicílio, portanto essas pessoas quando foram viver no Chile, na Argentina e no Brasil, transferiram para o exterior sua residência e não habitando mais na Itália, acabaram tendo essa dificuldade.

Por fim, a pandemia afetou de muitas formas o processo migratório, porque são menos pessoas que estão partindo do Brasil para a Itália. Embora eu tenha ficado sabendo que os migrantes encontraram alguns caminhos alternativos, por exemplo: brasileiros vindo pela Croácia e a Croácia é um país que tem ligação via terrestre com a Itália, talvez existam outros também, esse é o que me lembro de ter ouvido.

Referências

- BENEDUZI, Luis Fernando. *Mal di Paese: as reelaborações de um Vêneto imaginário na ex colônia de Conde D'eu (1884-1925)*. Porto Alegre: PPGHistória/UFRGS, 2004 (Tese de Doutorado).
- BENEDUZI, Luís Fernando. Narrativas de uma imigração esquecida: imagens, escolhas e percursos da imigração de mulheres brasileiras na Itália. In: *Revista da Associação Brasileira de História Oral* (12), n.1/2. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral, 2009. pp.223-248.
- BENEDUZI, Luís Fernando. Quando a imigração se transforma em colonização: leituras sobre a presença italiana no sul do Brasil. *Revista Latino-americana de História*, São Leopoldo, v. 6, n. 17, p.35-58, 2017.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC, 2014.
- RIBEIRO, Adelia Miglievich. Luis Fernando Beneduzi, Professor Adjunto de História da América Latina Brasil junto à Università Cà Foscari di Venezia. *Revista Sinais, Espírito Santo Santo*, v. 1, n. 9, p. 1-13, jun. 2011.
- ROUSSO, Henry. *A Última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2016 (livro integral).
- TURIN, Rodrigo. As (des)classificações do tempo: linguagens teóricas, historiografia e normatividade. *Topoi (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 586-601, Dec. 2016.
- TURIN, Rodrigo. A polifonia do tempo: ficção, trauma e aceleração no Brasil contemporâneo. *Artcultura*, 19(35), 2017.
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina; ASSIS, Gláucia de Oliveira; BENEDUZI, Luis Fernando. Ítalo-brasileiros na Itália no século XXI: “retorno” à terra dos antepassados, impasses e expectativas. *REMHU – Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*. Brasília, p. 139-162, 2013.